

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE**

**SUSIMEIRE CRISTINA CAMPANHARO**

**O MALANDRO EM *O GRANDE MENTECAPTO*, DE FERNANDO SABINO**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2012**

SUSIMEIRE CRISTINA CAMPANHARO

O MALANDRO EM *O GRANDE MENTECAPTO*, DE FERNANDO SABINO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)  
apresentado ao Centro Universitário Unifafibe  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas  
literaturas).

**Orientador:** Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis  
Fachin.

BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2012

Campanharo, Susimeire Cristina  
O Malandro em *O Grande Mentecapto*, de Fernando  
Sabino/ Susimeire Cristina Campanharo. - -Bebedouro:  
UNIFAFIBE, 2012.  
24f.; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras  
– Inglês - Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2012.  
Bibliografia: f. 24p.

1. Malandro. 2. Romance. 3. Literatura Brasileira.
- I. Título.

SUSIMEIRE CRISTINA CAMPANHARO

O MALANDRO EM *O GRANDE MENTECAPTO*, DE FERNANDO SABINO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)  
apresentado ao Centro Universitário Unifafibe  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas  
literaturas).

**Orientador:** Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis  
Fachin

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente:** Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin

Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP

---

**Membro convidado:** Profa. Dra. Aparecida do C. F. Berchior

Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP

---

Dedicado este trabalho à minha família por ter me apoiado ao longo desses três maravilhosos anos de muito estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois sem fé eu nada seria.

Agradeço a todos os professores pela colaboração para a minha formação profissional.

Especialmente aos professores: Dr. Rinaldo Guariglia, Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin e doutoranda Mariângela Alonso pelas contribuições referentes a este trabalho.

Agradeço aos meus colegas queridos, Sílvia e Kelvin, pelo apoio e incentivo ao longo da graduação.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as características do personagem malandro presentes no personagem Geraldo Viramundo de *O Grande Mentecapto*, romance que Fernando Sabino iniciou em 1946 e só concluiu trinta e três anos depois.

As reflexões de Antônio Cândido sobre o romance malandro brasileiro em *Dialética da Malandragem* e a teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin serão utilizadas para embasar a análise do protagonista do romance à luz da malandragem.

O corpus de pesquisa compreende leituras dos teóricos Cândido e Bakhtin e de artigos de outros autores referentes ao tema. Além de uma breve intertextualidade com o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, para tratar o tema da loucura.

**Palavras-chave:** Malandro. Romance. Literatura Brasileira.

## **ABSTRACT**

The objective of this paper is to analyze the characteristics of trickster character in Geraldo Viramundo at *O Grande Mentecapto*, Fernando Sabino Romance that started in 1946 and completed only 33 years later.

Antônio Cândido's reflections on the novel Brazilian trickster in *Dialectics of Malandragem* and carnivalization theory of Mikhail Bakhtin will be used to support the analysis of the protagonist of the novel in the light of trickster.

The research corpus comprises Cândido and theoretical readings of Bakhtin and articles by other authors on the subject. Besides a brief tale intertextuality with *The Alienist*, Machado de Assis, to address the theme of madness.

**Keywords:** Moron. Trickster Romance. Literature.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 DA ORIGEM AO CONTEXTO BRASILEIRO</b> .....	9
1.1 O Malandro.....	9
<b>2 ANÁLISE DA OBRA</b> .....	14
2.1 Pícaro?.....	14
2.2 A Loucura.....	15
2.3 O malandro em <i>O Grande Mentecapto</i> .....	18
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## INTRODUÇÃO

Esta monografia pretende mostrar de que forma o escritor Fernando Sabino (1923-2004) utilizou a malandragem na composição do protagonista Geraldo Viramundo, de *O Grande Mentecapto* (1979).

No primeiro capítulo abordaremos o embasamento teórico referente à malandragem, a origem, a atuação na literatura brasileira, as características do gênero, a confusão entre malandro e pícaro e uma breve citação sobre o tema da loucura. Utilizando como corpus de pesquisa a teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin, as considerações acerca da malandragem traçadas por Antônio Cândido (1918) em *Dialética da Malandragem* (1970), entre outros artigos que tratam sobre o tema.

No segundo capítulo faremos a análise de *O Grande Mentecapto*, buscando esclarecer o apontamento feito pela crítica de que este seja um romance supostamente ligado à picaresca espanhola, utilizando como corpus de pesquisa o ensaio *Dialética da Malandragem* do crítico e professor Antônio Cândido. Ainda neste capítulo, abordaremos o tema da loucura por interferir diretamente no personagem estudado; para tanto, traçaremos um paralelo com o conto de Machado de Assis, *O Alienista*. E por fim, atingiremos o objetivo de nosso trabalho, analisando de que forma Fernando Sabino utilizou a malandragem para compor o personagem Geraldo Viramundo.

No terceiro capítulo apresentaremos as considerações finais acerca da análise da obra.

## 1. – DA ORIGEM AO CONTEXTO BRASILEIRO

### 1.1 – O Malandro

A princípio, cabe observarmos que *O Grande Mentecapto* foi apontado pela crítica como um romance que possivelmente remonta à picaresca tradicional espanhola, formada pela tríade picaresca: *O Lazarillo de Tormes*, de autoria desconhecida; *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán e *El Buscón*, de Francisco de Quevedo, escritos entre a metade do século XVI e a primeira do XVII na Espanha.

No ensaio *Dialética da Malandragem* (1970), o professor e crítico literário Antônio Cândido (1918) trata da problemática surgida após a definição dada por Mário de Andrade (1893), em 1941, ao romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852), que enquadrou o romance de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) em uma modalidade de pícaro. Sobre tal enquadramento, Antônio Cândido (1970, p.67) observa que “Não há que considerar-se picaresco um livro pelo fato de nele haver um pícaro mais adjetival que substantival, mormente se a este livro faltam as marcas peculiares do gênero picaresco”.

Embora percebamos que o romance de Manuel Antônio de Almeida tenha alguns pontos de contato com o herói picaresco, como por exemplo, a origem humilde de Leonardo e o abandono familiar, faltam-lhe, entre outras menos importantes, duas características essenciais de pícaro.

O crítico constatou que *Memórias de um Sargento de Milícias* foge à tradição picaresca por apresentar o narrador de terceira pessoa, pois, em geral, “o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização.” (CANDIDO, 1970, p.67)

Outro fator que determinou a exclusão de *Memórias de um Sargento de Milícias* da picaresca é que falta ao seu protagonista o choque áspero com a realidade, pois ele já nasce malandro, diferentemente dos pícaros. “Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial”. (CANDIDO, 1970, p. 68)

Sendo assim, Cândido pensou ser mais apropriado caracterizar *Memórias de um sargento de milícias* como um romance malandro:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. (CANDIDO, 1970, p. 69)

O malandro pode ser comparado ao que Antônio Cândido chama de *trickster imemorial*, pela prática da astúcia pela astúcia, sem intenção de prejudicar a terceiros ao tentar safar-se de um problema, “as duas faces do trickster: a tolice, que afinal se revela salvadora, e a esperteza, que muitas vezes redundando em desastre, ao menos provisório.” (CANDIDO, 1970, p.70)

Observamos o malandro quase folclórico, vindo da tradição popular do carnaval da Idade Média, mais precisamente da literatura cômica da época. Mikhail Bakhtin (1895-1975) delinea a teoria da carnavalização, expondo suas formas de manifestação, explicando a oposição do riso “ao tom sério, religioso e feudal da cultura oficial da época [...] os bufões e tolos, palhaços de diversos estilos e categorias, constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca una e indivisível.” (BAKHTIN, 1987, p.3)

Bakhtin identifica os malandros como “elemento da epopéia heróica paródica”, pertencente à literatura cômica da Idade Média. Segundo ele:

Encontramos escritos análogos à *parodia sacra*; preces paródicas, homilias paródicas [...] canções de Natal, lendas sagradas paródicas, etc. No entanto, o que dominava eram sobretudo as paródias e travestis laicos que escarneciam do regime feudal e sua epopéia heróica. É o caso das epopéias paródicas da Idade Média que põem em cena animais, bufões, malandros e tolos; elementos da epopéia heróica paródica nos *contastors*, aparecimento de dúplices cômicos e dos heróis épicos [...] Esses gêneros e obras estão relacionados com o carnaval da praça pública e utilizam, mais amplamente que os escritos em latim, as fórmulas e os símbolos do carnaval. (BAKHTIN, 1987, p.13)

Percebemos que a cultura cômica apresenta uma diferença de princípio em relação ao que a sociedade estabelece, criando, segundo Bakhtin, uma série de *dualidade do mundo*, pois, “durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da *liberdade* [...] é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem atributos específicos de todo espetáculo teatral)” (BAKHTIN, 1987, p. 6-7)

Percebemos essa dualidade do mundo “por meio da sátira dos costumes e retratos de tipos característicos, dissolvendo a individualidade na categoria, como tende a fazer Manuel Antônio” (CANDIDO, 1970, p. 70), dessa forma, resgatando da cultura cômica popularesca o caráter universal do carnaval, seu modo particular de existência, a força regeneradora do riso, “a segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’”. (BAKHTIN, 1987, p. 10)

Apoiada nos estudos da teoria da carnavalização de Bakhtin, em tese de mestrado, intitulada *Um olhar sobre o romance malandro*, Luciane Figueiredo Pokulat explora as características do malandro no contexto brasileiro e diz que o malandro se constitui em um olhar múltiplo, “não é um trabalhador bem comportado, mas também não é o ladrão, o marginal; não pertence ao mundo da ordem, nem ao mundo da desordem; é visto como um ser esperto, porém, se escorregar, pode cair na marginalidade”. (POKULAT, 2009, p. 85). Ainda segundo a autora:

O malandro é um tipo social que caminha em busca da felicidade e tem ojeriza ao trabalho. A sua ética consiste na lógica do prazer, sua regra é “levar vantagem em tudo”. Para a malandragem ser bem-sucedida, o malandro deve obter vantagem sem que sua ação se faça perceber e, por isso ele engana sua vítima – o popular otário – sem que este perceba que foi enganado. Assim, a malandragem é uma prática alternativa para a superação de todo e qualquer obstáculo e, tal como o jeitinho, é um recurso de esperteza utilizado por indivíduos de pouca influência social ou socialmente desfavorecidos, o que não impede – evidentemente – que o recurso seja utilizado por indivíduos mais bem posicionados socialmente. (POKULAT, 2009, p.88)

Pokulat ressalta o contraste do malandro com o herói clássico das novelas de cavalaria, pois este é o representante da ordem tradicional, e aquele o oposto, um anti-herói, representante das camadas populares. “O malandro é, então, a paródia do herói, um herói carnalizado, é o anti-herói que encontra no mundo carnavalesco – o mundo da inversão”. (POKULAT, 2009, p. 147)

Como observamos, o malandro literário originário na literatura cômica da Idade Média, sofreu modificações ao longo da história, passando por adaptações ao contexto histórico de cada época. No Brasil, inicia com Leonardo de *Memórias de um sargento de milícias*, depois, como aponta Antônio Cândido (1970, p. 69) “elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma*”. Além disso, outros autores podem ter aproveitado muitas características da malandragem em narrativas em que não apareça o estilo baixo.

Em 1908, Machado de Assis (1839-1908) publica seu último romance, *Memorial de Aires*, em cujo qual, segundo o estudo de Idemburgo Frazão, *Malandragem em casaca e pince-nez: uma estratégia ficcional machadiana*, faz-se uma reflexão sobre a estratégia ficcional empregada pelo autor na composição da obra que faz lembrar a malandragem brasileira, “*Memorial de Aires* [...] faz lembrar, de certa maneira, as artimanhas dos tradicionais malandros brasileiros, mestres nos jogos da representação social.” (FRAZÃO, 2012, p.44)

Frazão aponta que é na organização das passagens, através de uma maneira particular de mostrar a realidade, guardadas as proporções temáticas e de estilo, que *Memorial de Aires* se aproxima de *Memórias de um sargento de milícias*:

A malandragem machadiana não costuma ser assim explicitamente denominada [...] a palavra, como a utilizou Machado de Assis, é navalha que sangra camadas superficiais do comportamento dos cidadãos e expõe as vísceras da hipocrisia e o egoísmo que, segundo o pessimismo machadiano, caracteriza, geralmente, a alma humana. [...] O que é popular recebe tratamento estilístico que o transforma em instrumento crítico potente. [...] a “arte-manha” machadiana se funda em uma capacidade bem brasileira de sentir e expressar o pensamento por charadas e adivinhações. [...] pode-se [...] pensar na obra ficcional machadiana como um grande jogo de metáforas onde, por trás do blefe, das cartas marcadas, da malícia comum às grandes jogadas, há um exímio e “malandro” jogador. (FRAZÃO, 2012, p. 46-47)

O malandro machadiano, portanto, segundo Frazão (2012, p.44) “assume um caráter metamórfico”, pois a malandragem não é explorada da condição social e financeira das personagens, já que o personagem *Marconde Aires* não pertence às camadas de menor poder aquisitivo da população, “o jogo quase imperceptível do diplomata oculta uma forma de malandragem camuflada pela situação sócio-econômica do narrador”. (Ibid., p.48). O personagem então, encontra na malandragem o equilíbrio de que precisa para sobreviver socialmente, pois Frazão observa que a ausência de controle no convívio social pode levar à loucura, “A loucura é o ápice da ausência de controle diante das artimanhas inerentes ao convívio social.” (Ibid., p.52)

Contudo, concluímos que a malandragem é uma característica essencialmente popular que ganhou espaço na literatura cômica na Idade Média e permeia os romances brasileiros do século XX. É utilizada com muita esperteza na denúncia social em obras que retratam a realidade e nem sempre é utilizada pelas camadas baixas da sociedade, de onde se originou. O malandro nem sempre é aproveitador, pois, pode ser ingênuo, e ambos tem a

capacidade de encantar o leitor. A literariedade fica por conta da ironia dos jogos de palavras, paródias e metáforas que permeiam a atmosfera da malandragem.

## 2. – ANÁLISE DA OBRA

### 2.1 – Pícaro?

Como vimos no primeiro capítulo, para que *O Grande Mentecapto* possa remontar à picaresca tradicional espanhola, há que considerarmos quatro requisitos básicos, apontados por Antônio Cândido: o próprio pícaro narra as suas aventuras; sua origem é baixa; é largado no mundo pela família ou decide sair de casa, desatando o laço familiar e vivendo várias peripécias em ambientes diferentes; o protagonista faz um balanço existencial de sua vida.

Viramundo tem algumas afinidades com os pícaros, como as apontadas em *O Romance Picaresco* por Mário González (1988, p.77), “sua origem ‘baixa’, as picardias infantis, a opção por deixar a família, a sátira encoberta pela pura comicidade, o caráter de aventureiro e itinerante que tem infinitos nomes etc”. Porém, das quatro características essenciais da picaresca, apontadas por Cândido, faltam ao romance de Sabino duas características fundamentais para que ele possa de fato remontar à picaresca tradicional: o narrador autodiegético e o balanço existencial feito por seu narrador protagonista:

Em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização. [...] De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. (CANDIDO, 1970, p.68)

Viramundo é de origem humilde, seu nome de batismo é Geraldo Boaventura, filho de imigrantes: o pai português e a mãe italiana Era o caçula dos treze filhos, vivia com a família em uma casinha junto à estrada em Rio Acima e sobrevivia do humilde armazém do pai, “quando nasceu, o pai, temendo a crise que se sucedeu então à Guerra Mundial [...] adotou uma política com relação à dona Nina, sua mulher [...] deixou de fornicar com ela até que as coisas melhorassem.” (SABINO, 1981, p.9). Ainda moço, resolve sair de casa e entra para o seminário em Mariana, levado por um padre, porém, é expulso de lá depois de ouvir, sem querer, uma confissão no confessionário da igreja, onde ele estava dormindo. Sem ter para onde ir, se aventura por Minas Gerais ao sabor da sorte, “começando a palmilhar a longa estrada noite adentro, sob a claridade da lua e das estrelas. E foi assim que, aos dezoito anos, Geraldo se tornou Viramundo.” Até aqui, as características do personagem correspondem, de

acordo com a crítica, à picaresca espanhola, pois o personagem é de classe baixa e num determinado momento da vida, decide sair de casa.

Porém, assim como o romance de Manoel Antonio de Almeida, o romance de Fernando Sabino foge à tradição picaresca por apresentar um narrador de terceira pessoa, heterodiegético, que não se identifica e relata as aventuras e desventuras de seu protagonista, “O verdadeiro nome de Geraldo Viramundo, embora ele afirmasse ser José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, era realmente Geraldo Boaventura, e assim está lançado no livro de nascimentos em Rio Acima” (SABINO, 1981, p.13)

Além disso, falta-lhe o balanço existencial, primeiramente porque a narração em terceira pessoa dificulta a reflexão mais aprofundada sobre o personagem. Segundo porque ao final do romance Viramundo morre, sem ter a oportunidade de refletir sobre sua vida, “naquele instante Viramundo entreabria com dificuldade as pálpebras intumescidas pelas pancadas [...] Então, sem uma palavra, entregou o espírito.” (SABINO, 1981, p.225)

Concluimos que apesar de manter alguns pontos de contato com a tradicional picaresca espanhola, como a origem humilde e as aventuras por Minas Gerais, o protagonista de *O Grande Mentecapto* não apresenta duas características essenciais de pícaro: o narrador autodiegético e o balanço existencial.

## 2.2 – A Loucura

Esclarecida a exclusão de *O Grande Mentecapto* do estilo picaresco, traçaremos agora um paralelo com o conto “O Alienista” (1882), de Machado de Assis, para entendermos o questionamento a cerca do tema da loucura presente no romance.

O romance *O Grande Mentecapto* aborda o tema da loucura em seu protagonista Viramundo, chegando este a ser internado em um hospício em Barbacena. Mas antes de nos aprofundarmos à loucura do personagem, é interessante lembrar que a temática da loucura foi abordada em outras obras literárias, como também está presente no conto de Machado de Assis, “O Alienista”.

O narrador do conto baseia-se nas crônicas da vila de Itaguaí-RJ para contar o que se sucedeu com a chegada do protagonista, Doutor Simão Bacamarte ao local. Ele era um cientista muito dedicado aos estudos sobre a loucura. Construiu na vila uma casa de orates,

nomeada Casa Verde, para poder estudar e tratar os loucos da região. Sua primeira missão foi demarcar os limites da razão e da loucura “definitivamente [...] a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia [...] daí em diante foi uma coleta desenfreada [...] Tudo era loucura”. (ASSIS, 1985, p.119)

Depois de muita pesquisa e análise de seus doentes, Dr. Bacamarte desmentiu a sua antiga tese, afirmando com convicção de que “a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e, portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto”. (ASSIS, 1985, p.148)

Simão Bacamarte, que, em sua concepção tinha desenvolvido pela segunda vez um sistema perfeito para a cura da loucura, ao ver sair curado o último hóspede da Casa Verde, voltou a se questionar, “*Plus ultra!* [...] Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma outra e novíssima teoria” (ASSIS, 1985, p.156). Ele chegou a nova conclusão de que ele mesmo detinha o perfeito equilíbrio mental, portanto, ele era louco, possuía “a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto” (Ibid., p.157), além da modéstia, pois não admitia ser tão perfeito. O Doutor Simão Bacamarte, que reunia em si mesmo a teoria e a prática trancou-se na Casa Verde, dedicando-se ao estudo e à cura de si mesmo, e morreu sem chegar a conclusão alguma.

O conto nos leva a questionar se é possível traçar limites entre a razão e a loucura, pois o personagem de Assis passou a vida desenvolvendo teorias sobre a loucura e morreu sem chegar a conclusão definitiva.

Por que então Viramundo foi considerado louco, sendo recolhido a um hospício em Barbacena? Quais são as características que levam o personagem a ser caracterizado como um louco?

O personagem é caracterizado como um “mentecapto” logo no título do romance, de acordo como dicionário *Aulete* de língua portuguesa: “mentecapto”: [F.: Do lat. mente + captus.]; 1. Que perdeu o juízo; LOUCO; MALUCO; 2. Que tem pouca capacidade intelectual; TOLO; IDIOTA.

O comportamento de Viramundo pode ser considerado anormal perante a maioria das pessoas porque ele, sendo pobre, recusa casa, roupa, dinheiro, menos comida e banho porque

entende que não pode viver sem essas coisas. Isso nos leva à primeira teoria do Doutor Simão Bacamarte “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia” (ASSIS, 1985, p.119), considera-se equilibrado, segundo Bacamarte quem age corretamente, segundo as normas da sociedade, e Viramundo vivia ao sabor da sorte, não seguia normas, mas praticava a justiça de uma forma que ninguém teria coragem de fazeris.

O conto de Machado de Assis ilustra a fragilidade entre a insanidade e a razão. Porém, mesmo de tantas qualidades, certamente o Doutor Simão Bacamarte diagnosticaria o Viramundo como um louco, pois foi o que aconteceu durante as suas aventuras e desventuras por Minas Gerais. A inteligência de Viramundo era incomum, suas paródias e analogias inteligentes eram confundidas com alucinações pelos menos cultos:

-Quem és? De onde vens? Para onde vais? – perguntou o major Sequinho.  
O grande mentecapto limpou a garganta para responder:  
- Chamam-me de Viramundo. Quero ir para Branca Bela. Quase vou pro outro mundo quando o carro me atropela. (\*)  
Os generais se consultaram em voz baixa, sem saber se o prendiam ou o soltavam. Tinham missão mais importante a cumprir que transportar um simples soldado biruta. (SABINO, 1981, p.131)

Em nota de rodapé, o autor explica a inteligente alusão feita por Viramundo aos generais do Esquadrão de Cavalaria de Juiz de Fora, alusão que o condecorou com o apelido de “soldado biruta”, graças à ignorância dos generais:

Viramundo deu resposta semelhante à de Manuel du Bocage, quando se viu diante de um salteador em Lisboa, e que lhe fez as mesmas perguntas: “Quem és? De onde vens? Para onde vais?”, ao que ele respondeu:  
*Sou o poeta Bocage*  
*Venho do café Nicola*  
*Vou deste para o outro mundo*  
*Se disparas a pistola.* (N. do A.) (SABINO, 1981, p.131)

Viramundo era conhecedor de uma cultura literária vasta, conhecia desde as parábolas bíblicas até o cânone literário de maior prestígio, “Alphonsus de Guimaraes, seu único amigo em Mariana, cujos versos sabia de cor” (ASSIS, 1985, p.44); muito inteligente e sem perder o humor, não perdia uma oportunidade de corrigir o outro, “- Beleza não: beleza – corrigiu Viramundo” (Ibid., p.60); bondade e valentia também faziam parte das suas qualidades, “- Matem, matem logo! Mas me matem a mim primeiro! Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver!” (Ibid., p.50); além de ser curioso e muito corajoso, “o despeito maior de Geraldo Viramundo era o trem de ferro não

parar em Rio Acima. Por que será que ele não parava? [...] \_Mas se *eu* quiser, ele pára.”  
(ASSIS, 1985, p.16-17)

Para Gislene Barral:

Como temática, a loucura é absorvida por um grande número de obras da literatura brasileira, que relativizam seu sentido de acordo com o espírito estético reinante em cada época. Não sendo tratada como objeto científico, o enfoque dos textos literários permite que se vá construindo, transformando e flexibilizando o conceito de loucura a cada representação que dela se faz.  
(BARRAL, 2001, p.26)

Yudith Rosenbaum elaborou um estudo em torno da temática da desrazão e suas diferenças com a loucura, em um artigo intitulado *Guimarães Rosa e o canto da desrazão*, onde a autora percorre a temática da loucura através de contos de Guimarães Rosa. Interessante para o nosso trabalho é que segundo a autora “a arte forma um reino intermediário entre a realidade que faz barreira ao desejo e o mundo imaginário que o realiza”.  
(ROSENBAUM, 2008, p.155). A autora salienta:

O papel do estranho, do inusitado, do inominável, perdido no sertão mineiro, pobre e isolado, é remeter-nos à nossa condição humana, sempre precária e surpreendente. Esses Outros da obra de Rosa habitam as terceiras margens de nós mesmos. Estão aí para fazer-nos ouvir, através das crianças, dos seres alógicos, das criaturas rústicas, algo que se encontra distante das nossas palavras sensatas.

Para Foucault, só nas obras literárias é possível ouvir plenamente a voz da desrazão. De fato, pela literatura podemos nos aproximar de forma menos defensiva desse território tão temido no cotidiano [...] Pelo caminho proposto aqui, a obra de Rosa traz o canto da desrazão como espaço de um pensamento sem fronteiras, temido e desejado por todos nós.  
(ROSENBAUM, 2008, p.158)

No romance de Sabino, portanto, encontramos a possibilidade de leitura da loucura como uma forma de vida livre de regras e convenções, onde vale a pena sonhar.

### **2.3 – O malandro em *O Grande Mentecapto***

Passamos agora ao objetivo principal desta monografia: a análise do personagem Viramundo do romance *O Grande Mentecapto*, com o intuito de identificarmos de que

forma a malandragem foi usada para compor o personagem de Sabino. Para tanto, recuperaremos as considerações de Antônio Cândido em *Dialética da malandragem* acerca do romance malandro, citadas no primeiro capítulo deste trabalho, as mesmas utilizadas pelo crítico para caracterizar Leonardo de *Memórias de um sargento de milícias* como um personagem malandro, entre outros artigos utilizados neste trabalho.

A primeira característica que nos leva a pensar no personagem Viramundo como um malandro é sua origem humilde, filho de imigrantes, o pai português e a mãe italiana moravam em uma casinha à beira de uma estrada em Rio Acima, “a casinha acabou ficando com a estrada à sua porta. Por um triz os engenheiros com seus traçados e mapas não levaram de cambulhada com árvores, pedras e barrancos a morada do Boaventura”. (SABINO, 1981, p.10)

A narrativa do romance *O Grande Mentecapto* é feita em terceira pessoa com focalização onisciente. O narrador apresenta o tom popular das histórias ao se propor a relatar as aventuras e desventuras de Viramundo e suas inenarráveis peregrinações a partir de fatos que colheu ao longo da vida do personagem, utilizando sempre o discurso popular “não disponho de nenhum dado sobre o período da vida de Geraldo Viramundo no seminário [...] um padre meu amigo [...] me diz de um rapazinho [...] mas é pouco provável que se trate de Geraldo Viramundo”. (Ibid., p.33)

As ações da narrativa ocorrem em função do protagonista Viramundo, deixando claro o narrador, que só irá relatar fatos que tenham a ver com o personagem, “nada direi com relação aos outros filhos, senão na medida em que participaram mais diretamente da infância de Geraldo, que é de quem cuida a nossa história”. (SABINO, 1981, p.10)

Curioso notarmos que o narrador de *O Grande Mentecapto* mantém um diálogo com o leitor do início ao fim do romance, assim como os narradores machadianos, “que fiquem para trás todos esses pontos controversos, pois deverão estar esgotando já a paciência do leitor, como aliás esgotaram a minha própria”. (Ibid., p.58)

Observamos que Viramundo era uma criança agitada, desde cedo ele já demonstrava tendência à mudança, pois tinha fascinação pelo rio, “não podia tolerar a idéia de que o homem não conseguisse ficar debaixo d’água o tempo que quisesse, como os peixes. (Da idéia de que o homem um dia pudesse voar como os pássaros já tinha desistido, desde que viu pela primeira vez um avião)” (SABINO, 1981, p.14), e pelo trem “o despeito maior de Geraldo Viramundo era o trem de ferro não parar em Rio Acima. Por que será que ele não parava? [...] \_Mas se *eu* quiser, ele pára.” (Ibid., p.16-17)

A infância de Geraldo Viramundo transcorreu como a de seus irmãos [...] comeu terra, botou lombrigas, arrebentou cupim para ver como era dentro, seguiu as formigas para ver aonde iam, misturou açúcar com sal no armazém, furtou garrafa de guaraná e depois mijou dentro botando no lugar para o pai não descobrir, brincou com fogo e mijou na cama, brincou de pegador, tic-tac carambola, este dentro este fora [...]. (SABINO, 1981, p.11)

Porém, observamos também que Viramundo destacava-se entre os irmãos e todas as crianças de Rio Acima pela sua infinita coragem que, neste caso, pode ser interpretada também como loucura, pois Viramundo resolveu que ia parar o trem, e assim o fez, ficando sobre os trilhos a espera da passagem do veículo por Rio Acima:

A máquina, ameaçadoramente visível e crescendo como um demônio, pitou pela primeira vez. Depois outra, mais outra – Geraldo Viramundo olhou para ela pela última vez e fechou os olhos, sentindo o dormente vibrar sob os seus pés. O apito agora era contínuo, as rodas rangiam nos trilhos [...] Embora quase devagar, a locomotiva, a resfolegar como um touro enfurecido, já estava tremendamente perto quando se deteve [...].  
- Ele parou! Ele parou, pessoal! Ele parou! (Ibid., p.19-20)

Geraldo Viramundo não sabia o que era o amor até ser atropelado pela comitiva do Governador Geral Clarimundo Ladisbão. Em meio ao atropelamento, conhece Marília, filha do Governador, “aquela que viria a ser a sua amada a vida inteira [...] e já se sentia correspondido, entregando-se ali mesmo a uma paixão mais cega do que o velho Elias” (Ibid, p.67). Os estudantes de Mariana enganam Viramundo, fazendo-o pensar que quem responde as suas cartas de amor é Marília, o que nutre ainda mais a sua ilusão.

O romance carrega um pouco da tradição anedótica, característica da tradição popular, berço da malandragem e assim como em *Memórias de um sargento de milícias*, os traços populares são manifestados, sobretudo do teor dos atos e das peripécias.

Podemos também dizer que *O Grande Mentecapto* representa uma dualidade do mundo “por meio da sátira dos costumes [...] dissolvendo a individualidade [...] como tende a fazer Manuel Antônio” (CANDIDO, 1970, p. 70), pois, Viramundo parodia a todo o instante manifestações de caráter oficial, religiosas, políticas, sentimentais, convertendo-as em formas cômicas, quebrando as barreiras entre classes e ideologias, deixa todos os personagens no mesmo nível, ironizando a cultura oficial representada pelos heróis e criando uma atmosfera popularesca.

Através da ironia gerada pela paródia, Viramundo faz lembrar os malandros da literatura cômica da Idade Média relacionada com o carnaval da praça pública, questão

colocada por Bakhtin e abordada no primeiro capítulo deste trabalho. A paródia aqui age causando efeitos humorísticos ao serem aplicados a recursos da tradição oral como os clichês ou mesmo apropriando-se da literatura canônica, de textos religiosos, ou até mesmo de outras línguas.

Observamos o jogo de palavras com outros idiomas na passagem por Barbacena em que Viramundo, muito versado em literatura, fica emocionado ao encontrar o escritor francês Georges Bernanos e oferece-lhe um coco-da-serra.

Peço-lhe que não ponha reparo na humildade desta oferenda.  
O outro examinou o fruto com interesse:  
- Comment s'appele ça?  
- Come-se com a mão, mas não se péla: quebra-se – respondeu Viramundo.  
- Comment?  
- Com a mão ou com o que o senhor quiser. Batendo na casca ela quebra.  
- Je ne comprends pas, mon ami.  
- Não é para comprar, já falei! Estou lhe oferecendo de graça! (SABINO, 1981, p.99)

O personagem também distorce frases feitas e expressões da tradição popular, como na aventura em Tiradentes em que o único preso da cidade lhe pede um cigarro:

- Adão foi feito de barro. Amigo, me dá um cigarro.  
Viramundo respondeu prontamente:  
- De barro foi feito Adão. Amigo, não tenho não. (Ibid., p.151)

Percebemos que a malandragem em Viramundo está no proveito da inteligência, porém, o malandro de sabino, assim como o malandro machadiano, destacado por Idemburgo Frazão no primeiro capítulo, sofre uma metamorfose, pois ele é muito inteligente e “versado” em literatura, características que sempre geram uma anedota no romance porque Viramundo utiliza a literatura misturada com situações corriqueiras em seu discurso, porém, o personagem não consegue utilizar essa qualidade a seu favor, diferentemente do malandro popular, que sempre tira proveito de alguma situação.

Resgatando as palavras de Luciane Figueiredo Pokulat, “a malandragem é uma prática alternativa para a superação de todo e qualquer obstáculo e, tal como o jeitinho, é um recurso de esperteza utilizado por indivíduos de pouca influência social” (POKULAT, 2009, p.88), observamos que o malandro Viramundo sabe utilizar o seu recurso de esperteza, mas também não pretende levar vantagem em tudo, sua malandragem, como a de Leonardo de

*Memórias de um sargento de milícias*, restringe-se à prática da “astúcia pela astúcia” (CANDIDO, 1970, p.69)

Tanto isso é verdade que em sua passagem por Tiradentes, Viramundo contraria a lei local trancando-se na cadeia no lugar de um preso que se compromete a voltar, mas não volta:

- Tem seis anos que você não vê sua mulher e seus filhos?

João Tocó assentiu, os olhos cheios de lágrimas:

-Não sabem nem onde é que eu tou.

-Vou ajuda-lo a sair daqui, se você prometer que volta – disse Viramundo.

[...]

Viramundo ficou preso um ano e dois meses.

Concluimos que assim como Leonardo, Viramundo apresenta uma malandragem quase ingênua, sendo assim, é um quase anti-herói. É simpático à sua maneira e está sempre em busca de aventura, como os heróis clássicos, e difere-se deles pela simplicidade e sinceridade. Viramundo denuncia a mentira, porém, sem elegância ou gentileza. Apesar da origem humilde, Viramundo sempre se posta em defesa dos mais fracos, ignorando qualquer proveito pessoal, mas na vida amorosa, não consegue conter sua paixão, ilude-se facilmente e faz de tudo para convencer sua amada de seu amor, ironizando o amor cortês, expondo-se ao ridículo.

### 3. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não teve a pretensão de classificar o romance de Fernando Sabino (1923-2004) *O Grande Mentecapto* (1979) como um romance malandro, mas sim analisar as suas características, principalmente as do protagonista Viramundo sob aspectos da malandragem.

Buscando analisar as características de personagem malandro em Viramundo, a abordagem teórica deste projeto congregou o estudo do crítico literário Antonio Candido (1918) em *Dialética da Malandragem* acerca do primeiro malandro brasileiro, o estudo de Mikhail Bakhtin (1895-1975) em *Cultura Popular da Idade Média e Renascimento*, para entendermos a origem do malandro, e outros artigos que auxiliaram na abordagem teórica.

Depois da abordagem teórica, fez-se necessário estabelecer os limites entre o romance malandro e o romance picaresco, apontados por Candido em seu estudo, perante algumas semelhanças existentes entre os dois estilos que ainda causam controvérsias entre a crítica literária.

O tema da loucura foi tratado como uma possibilidade de leitura em *O Grande Mentecapto*, a qual, no final do livro o leitor chega à conclusão de que não existe loucura, o que existe é a possibilidade de soltar a imaginação e se aventurar com Viramundo pelo seu mundo.

Por fim, com a análise do romance chegamos à conclusão de que Viramundo tem muito do malandro Leonardo, de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861). Viramundo é um malandro de nascença e não por conveniência, suas malandragens são ingênuas, como as de uma criança, é inteligente e ao mesmo tempo não sabe usar essa qualidade em seu benefício, por isso acaba sempre se dando mal.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Os melhores contos de Machado de Assis**. Seleção de Domício Proença Filho. São Paulo: Global, 1985, p.107-159.
- BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. In: BAKHTIN, M. **Cultura popular da Idade Média e Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 1-50.
- BARRAL, Gislene. Vozes da loucura, ecos na literatura. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº12, Brasília, UNB, 2001, p.13-38.
- CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.
- FRAZÃO, Idemburgo. **Malandragem de casaca e pince-nez: uma estratégia ficcional machadiana**. E-escrita - Revista do Curso de Letras da UNIABEU, nº1B, Nilópolis, UNIABEU, 2012, p. 44-56.
- GONZÁLEZ, Mário Miguel. **O Romance Picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.
- MENTECAPTO. In: Idicionário Aulete. Brasil: Lexikon editora digital, 2012. Disponível em: <[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)>. Acesso em: 7 nov. 2012.
- POKULAT, Luciane Figueiredo. **Um olhar sobre o romance malandro**. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Rio Grande do Sul. 2009.
- ROSENBAUM, Yudith. **Guimarães Rosa e o canto da desrazão**. Ângulo 115, 2008, p.150-158.
- SABINO, Fernando Tavares. **O Grande Mentecapto**. Rio de Janeiro: Record, 13 ed. 1981.